

Cinema. Festival



Pesquisa. Foram reunidas tantas imagens que dariam outros filmes.

OITICICA NA PRIMEIRA PESSOA DO SINGULAR

Roberta Pennafort / RIO

O espectador como ente participante da obra de arte. O artista não mais como criador de objetos, mas como proponente de práticas em aberto. A incorporação total da arte, o corpo deixando de ser um mero e eventual suporte para ela. O lugar da racionalidade e da emoção. A busca do “estado de invenção”.

Hélio Oiticica (1937-1980) deixou sua visão sobre essas e outras questões de seu trabalho registrada em cassetes e em vídeos em Super 8 que hoje compõem seu acervo – a maior parte sob tutela da família, mas também em coleções dispersas por aí.

Curador da obra há 15 anos, o sobrinho Cesar Oiticica Filho há cinco pesquisa sistematicamente o material. A partir dele, fez o documentário *Hélio Oiticica*, na disputa por um troféu Redentor no Festival de Cinema do Rio.

“Para mim, o filme é como se fosse uma tese de mestrado. É um instrumento para apresentar esse cara. A gente faz exposições, dá um trabalho gigantesco, mas não atinge tantas pessoas quanto com um filme”, diz.

O diretor partiu do pressuposto que o Brasil desconhece Hélio. Quis desfazer equívocos e pôr o discurso em primeira pessoa. Ele próprio, íntimo do espó-

lio do tio, aprendeu bastante ao ouvir sua voz. “Mesmo quem acha que conhece o Hélio não conhece. É legal mostrar como o pensamento dele vai mudando ao longo do tempo”, avalia.

“Eu vejo muitas distorções, inclusive gente usando as palavras do artista para dizer algo oposto ao que ele pensava. E me incomoda quando querem sacralizar a obra, impedindo que ela aconteça. É o que acontece quando pregam os *Parangolés* na parede, e eles não são usados”.

Nas fitas, Hélio falava do uso de cocaína, da relação com o samba e os sambistas da Mangueira, dos oito anos na vanguarda de Nova York (1970-1978). Em primeiro plano, o trajeto de reinvenção da arte. “A partir da desintegração do quadro comecei a criar uma arte só minha”, explica, ao citar *Bólides*, *Penetráveis*, *Núcleos* e *Parangolés*. Fala de como, jovem ainda, era “muito velho” para a idade. Conta da mania de se encerrar em suas próprias ideias, do perigo disso.

Desconhecidos do público, filmes experimentais feitos entre 71 e 74 em parceria com Neville D’Almeida, como *Cosmococos* e *Mangue Bangue*, e registros de exposições no exterior nos anos 60 e 70 foram usados. Glauber Rocha e os tropicalistas são personagens que ajudam a traçar o

cenário cultural do País à época.

O percurso de *Hélio Oiticica* se promete internacional: Cesar o inscreveu no Festival de Berlim, a ser realizado em fevereiro de 2013, e planeja a exibição de filmes do artista pela cidade. O documentário deve ir ainda ao Festival de Tribeca (NY) em abril.

Passadas três décadas da morte de Hélio, sua obra, presente em museus como a Tate Modern, em Londres, e o Museu de Arte Moderna de Nova York, continua em circulação. O interesse por ele não arrefece: todo ano, são cerca de 20 pedidos de empréstimos para mostras.

Há três anos, quando centenas de trabalhos foram atingidos por um incêndio no imóvel do bairro do Jardim Botânico, no Rio, onde estavam acondicionados pela família, a notícia teve repercussão mundial.

As perdas (pinturas e objetos, principalmente) foram estimadas então em US\$ 200 milhões. Oculpado foi o sistema de ar condicionado, que se imaginava ser seguro. A recuperação da coleção, apoiada pelo Instituto Brasileiro de Museus, do Ministério da Cultura, está sendo finalizada. Parte das obras limpas e reconstruídas integra a retrospectiva *Museu é o Mundo*, que desde 2010 viaja o Brasil e agora está em cartaz em Portugal.